

OS JECAS DO LITERATO E DO CIENTISTA: MOVIMENTO EUGÊNICO, HIGIENISMO E RACISMO NA PRIMEIRA REPÚBLICA

THE SCHOLAR AND THE SCIENTIST'S HILLBILLIES: EUGENIC MOVEMENT, HYGIENICS AND RACISM IN THE FIRST REPUBLIC

Marco Antonio Stancik¹

¹ Instituto Agronômico do Paraná – IAPAR, Ponta Grossa, PR, Brasil;
(042) 3238-2920/9105-8384; e-mail: marcostancik@hotmail.com

Recebido para publicação em 26/10/2004

Aceito para publicação em 06/12/2004

RESUMO

A eugenia, o higienismo e o racismo foram algumas das fontes inspiradoras dos intelectuais brasileiros que, no início do século XX, pensaram o país e sua população, apresentando propostas para a solução dos problemas por eles diagnosticados. Realizando um breve estudo comparativo no qual se procura analisar as perspectivas de Monteiro Lobato e de Aleixo de Vasconcellos, o presente trabalho se propõe, ao mesmo tempo, a evidenciar os procedimentos criativos, críticos e seletivos de apropriação das teorias científicas, empreendidos por intelectuais e cientistas brasileiros na Primeira República (1889-1930).

Palavras-chave: eugenia, racismo, higienismo, Monteiro Lobato, Aleixo de Vasconcellos

ABSTRACT

Eugenics, hygienics and racism were references that inspired the Brazilian intellectuals who studied the country and its population in the beginning of the 20th century and presented proposals for the solution of the problems detected. By means of a comparative study of Monteiro Lobato's and Aleixo de Vasconcellos's intellectual references, the aim of this article is to evidence the creative, the critical and the selective processes for the apprehension of the scientific theories, as revealed by the Brazilian intellectuals and scientists in the First Republic (1889-1930).

Key words: eugenics, racism, hygienics, Monteiro Lobato, Aleixo de Vasconcellos

1. Introdução

Em breve e esclarecedor ensaio sobre os estudos empreendidos pelos geneticistas nazistas, Bernardo Beiguelman (1990) deixou bastante claro que, sob o rótulo de ciência, práticas e políticas discriminatórias, excludentes e criminosas, podem encontrar oportunidade de difundirem-se livremente, e por longo tempo, pela sociedade.

A partir de exemplos da utilização de seres humanos em experimentos realizados por médicos a serviço do Terceiro Reich alemão, atrocidades cometidas em nome do aperfeiçoamento racial¹ foram por ele denunciadas. O autor fez assim pertinentes alertas sobre questões atinentes à eugenia², à genética e à ética.

Beiguelman nos mostra que, naquele período, grande número de médicos e pesquisadores em genética humana perfilaram-se ao lado de Adolf Hitler, conduzindo à morte milhões de seres humanos, sob a alegação de assim estarem praticando a eugenia e zelando pelo futuro da espécie humana!...

Mais recentemente, Edwin Black (2003) trouxe à público os resultados de um empreendimento de fôlego que precocemente se tornou uma referência obrigatória sobre o tema eugenia. Em *A guerra contra os fracos*, Black expõe, com riqueza de detalhes baseada em gigantesca pesquisa documental, como nos Estados Unidos uniram-se eminentes intelectuais, governantes e grandes fortunas, na perseguição aos “incapazes”: deficientes mentais, indigentes, alcoólatras, criminosos, doentes, fisicamente deformados, representantes de raças que não a ariana, entre outros. Na percepção de parte significativa destes eugenistas, a assistência aos inferiores era, além de inútil, prejudicial à raça.

Diante de tais relatos, podem surgir alguns questionamentos: será que todos aqueles que se afirmaram ocupados em regenerar a raça seguiram todos os postulados da eugenia? Ou ainda: os partidários do movimento eugênico foram, em sua totalidade, insensíveis cientistas, ávidos pelo extermínio de indivíduos tidos como inferiores ou degenerados? As políticas eugênicas foram, por extensão, marcadas exclusivamente por procedimentos controversos e questionáveis experimentos com seres humanos? E no Brasil, quem foram os eugenistas?

Assim pode causar certa surpresa constatar-se que intelectuais como Monteiro Lobato (1882-1948), celebrizado por seus personagens infantis, entre muitos outros nomes de prestígio e projeção na sociedade brasileira, incluiu-se entre os defensores do movimento eugênico.

Essa observação serve para que se perceba que a eugenia apresentou variações nas formas como foi proposta e colocada em prática. Além disso, mostra também que o movimento eugênico não interessou e mobilizou apenas médicos e cientistas. São esses alguns aspectos que se pretende explorar por intermédio do breve estudo em torno das idéias defendidas nos tempos da Primeira República, de um lado, pelo escritor Monteiro Lobato e, de outro, pelo cientista Aleixo de Vasconcellos (1884-1961), outro nome de prestígio e projeção naquele período.

Ou seja, num momento anterior àquele em que vieram à tona os crimes nazistas, perpetrados em nome da eugenia e da pureza racial. Contexto em que, nos Estados Unidos, a esterilização compulsória era proposta e/ou adotada como prática eugênica, parecendo, ao mesmo tempo, difícil pôr em dúvida que todo e qualquer trabalho de natureza eugênica deveria servir,

¹É importante frisar que sempre que fizermos menção a termos como “raça”, “aperfeiçoamento racial”, arianos e outros similares, estaremos empregando ou fazendo referência a expressões do período em análise. Compreendemos, no entanto, que não faz sentido falar-se em “raças puras”, ou em vincular diferenças físicas a maiores ou menores “aptidões”, sejam elas quais forem. Por sinal, num contexto em que ganham tanta relevância notícias relativas a estudos com novas tecnologias reprodutivas e em genética – com as quais se tem pretendido tudo explicar –, um dos objetivos do trabalho é apontar para a necessidade de se olhar para o passado e para as políticas de trágicas conseqüências resultantes da aplicação de princípios racistas e eugenistas.

²A eugenia pode ser conceituada como um movimento científico e social interessado no aperfeiçoamento genético da espécie humana. Suas origens encontram-se na obra do naturalista inglês Sir Francis Galton (1822-1911), primo de Darwin (1809-1882). Galton afirmava que tanto o físico como o mental estavam ligados à herança biológica. Isso justificava, no seu entender, a necessidade dos “cruzamentos selecionados” entre os seres humanos. Da aplicação de idéias semelhantes, observou-se, que, em 1931, 27 estados norte-americanos adotavam legislação destinada a impor a esterilização de indivíduos tidos como disgênicos. Nos casos mais extremos, e servindo a propósitos racistas, o movimento eugênico conduziu a práticas de “limpeza racial”, como as observadas durante o regime nazista na Alemanha.

como sempre pregaram seus defensores, para o bem e para a felicidade de todo gênero humano.

Um trabalho em que são comparadas as idéias de um literato e de um cientista. Dois intelectuais contemporâneos que pensaram e manifestaram publicamente sua insatisfação diante da realidade social do país e de sua população, na forma como a captaram. Dois agentes que podem nos auxiliar a compreender como, na capital paulista e no Distrito Federal, dois dos principais centros urbanos e culturais do período, foram pensadas questões onde imbricavam-se eugenia, higienismo e racismo, sob variados matizes.

2. História intelectual e apropriação das teorias científicas

Tendo em vista as possibilidades da história intelectual, Helenice Rodrigues da Silva apresenta algumas proposições. Segundo a autora:

... a história intelectual parece visar, essencialmente, a dois eixos de análise: por um lado, o funcionamento de uma sociedade intelectual (o conceito de ‘campo’ de Bourdieu), ou seja, suas práticas, suas estratégias, seus *habitus*; por outro, as características de um momento histórico e conjuntural (...) que impõem visões de mundo, esquemas de percepção e apreciação, enfim, modalidades específicas de pensar e de agir por parte dos intelectuais. Em outras palavras, a história intelectual deve levar em conta a dimensão sociológica, histórica e filosófica capaz de explicar a produção intelectual com base nos espaços socioprofissionais e nos contextos históricos. (Rodrigues da Silva, 2002, p. 12)

Por sua vez, enfatizando que pertencimentos distintos proporcionam condições diferenciadas a partir das quais os agentes e as instituições atribuem sentido,

o historiador francês Roger Chartier ressalta sua intenção de “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 1990, p. 16-17).

Como esclarece o autor, “os textos não são depositados nos objetos, manuscritos ou impressos, que os suportam como em receptáculos, e não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole” (Ibid., p. 25). Desta forma, os bens culturais, as obras, e incluímos aqui as teorias científicas, adquirem sentido “através da diversidade de interpretações que constroem as suas significações” (Ibid., p. 59).

Importa portanto realizar-se a “análise das práticas que, diversamente, se apreendem dos bens simbólicos, produzindo assim usos e significações diferenciadas” (Chartier, 1991, p. 178). Desta maneira, segundo Chartier:

A apropriação, a nosso ver, visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Assim, voltar a atenção para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido (...) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. (Ibid., p. 180)

O cientista, o literato, o intelectual devem ser assim compreendidos na sua condição de atores sociais, cujo desempenho se dá num contexto específico e por intermédio de sua atuação em diferentes campos sociais³. Desenvolvem estratégias interagindo, portanto, com diferentes atores, instituições e grupos.

Assim sendo, para empreender a análise das idéi-

³ O sociólogo francês Pierre Bourdieu aborda o campo como um espaço de lutas com suas leis e agentes específicos. Um campo “se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos (...) e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar neste campo (...). Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc.” (Bourdieu, 1983, p. 89).

as defendidas por Lobato e por Aleixo de Vasconcellos, os percebemos na condição de cientistas-intelectuais⁴. Com isso, pretendemos ter em conta as “práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação” (Chartier, 1990, p. 28).

Contudo, na mesma medida em que enfatizamos os usos diversificados e criativos – a diversidade –, temos em mente também a procura pelo semelhante, pelo consenso. Nos termos de Bourdieu: “Embora os homens cultivados de uma determinada época possam discordar a respeito das questões que discutem, pelo menos estão de acordo para discutir certas questões. É sobretudo através das problemáticas obrigatórias nas quais e pelas quais um pensador reflete que ele passa a pertencer à sua época podendo-se situá-lo e datá-lo.” (Bourdieu, 1999, p. 207)

Para o período em questão, percebe-se desde logo que a problemática eleita são as imbricações entre a eugenia, o higienismo e o racismo, sempre tendo em vista o aperfeiçoamento da raça. Questão esta que se fez presente, e com muita força, na pauta da intelectualidade do período. Lobato e Vasconcellos não foram exceção. Se eles não repetiram exatamente a mesma ladainha de outros defensores de uma pretensa ciência, como foi o caso da eugenia, não duvidaram, é certo, de sua pertinência. O desacordo, mesmo se manifestando entre agentes, grupos e instituições, supõe, adverte Bourdieu, “um acordo nos terrenos de desacordo” (Id.)

Mais adiante, acrescenta o sociólogo: “O que torna contemporâneos certos autores que se encontram separados sob inúmeros outros ângulos são as questões consagradas a respeito das quais eles se opõem e em relação às quais organiza-se pelo menos um aspecto de seu pensamento.” (Id.)

Pretendemos, portanto, demonstrar que tanto Vasconcellos, quanto Lobato mostraram-se bastante originais, únicos em suas interpretações, proposições e nos projetos que divulgaram.

Aproximamo-nos assim das constatações a que chegou a antropóloga Lilia M. Schwarcz, a qual se propôs a enfatizar a originalidade que acompanhou o emprego das teorias raciais importadas pelos intelectuais brasileiros. Segundo a autora: “Falar da adoção das teorias raciais no Brasil implica pensar sobre um modelo que incorporou o que serviu e esqueceu o que não se ajustava.” E, mais adiante: “Não se trata de entender a adoção das teses raciais como mero reflexo, uma cópia desautorizada, mas antes indagar sobre seus novos significados contextuais, bem como verificar sua relação com a situação social, política, econômica e intelectual vivenciada no país.” (Schwarcz, 1993, p. 242)

Isso possibilita e exige que se perceba suas obras e suas idéias não como prontas e acabadas, mas na condição de práticas, como construções sempre em andamento e sujeitas a guinadas e transformações.

3. Da Velha Praga ao Problema Vital: Lobato eugenia e sanitaria

No transcorrer do ano de 1918, Monteiro Lobato teve vários artigos seus publicados pelo jornal *O Estado de São Paulo*. Naquele mesmo ano, por iniciativa da Sociedade de Eugenia de São Paulo e da Liga Pró-Saneamento do Brasil⁵, eles foram reunidos num livro, sob o título de *Problema vital* (Lobato, 1956).

Aqueles trabalhos discorriam em torno de uma problemática central e que naquele período vinha adquirindo grande importância, qual seja, a urgência de se tirar o caboclo dos sertões brasileiros das condições de miséria e doenças sob as quais vivia. Seriam elas resultantes do longo abandono e do esquecimento a que estava ele relegado. Governantes, homens públicos, elites e intelectuais, desesperava-se Lobato, não voltavam seu olhar para a lastimável situação dos mi-

⁴Emprestamos a expressão de Herschmann, o qual, ao utilizá-la, assim se justifica: “Na falta de um termo melhor que designasse estes intelectuais, utilizei este termo composto. A dificuldade de encontrar um termo apropriado para este agente social está fundamentada na atuação deste especialista, que extrapolava a produção científica, realizando obras abrangentes, de cunho teórico, sociológico e literário. A partir de sua especialidade, de seu saber tecnocientífico, eles ‘inventavam’ soluções para os chamados ‘problemas nacionais’. Longe de propor uma definição de ‘intelectual’, considerei-o como aquele que se reconhece e é reconhecido pelos outros como tal.” (Herschmann, 1994, p. 46)

⁵Criadas em 1918 e de duração efêmera, as duas associações tiveram o médico e farmacêutico Renato Kehl (1889-1974) como um de seus membros mais atuantes, entre outros de destaque no cenário nacional: Belisário Penna (1868-1939), Azevedo Sodré (1864-1929), Afrânio Peixoto (1876-1947), Carlos Chagas (1878-1934), Arthur Neiva (1880-1943), Vital Brazil (1865-1950), Monteiro Lobato.

lhões de Jecas Tatus - miseráveis, improdutivos porque doentes - espalhados pelo interior do país.

Conforme avalia Castro Santos, “É a melhor fase de Lobato, que a um tempo combate o ‘determinismo étnico’, assume um lugar na linha de frente da crítica social de seu tempo, e elege o saneamento rural como a questão nacional por excelência” (Castro Santos, 1985, p. 197). Isso porque, antes do Lobato “sanitarista” de que estamos tratando, revelara-se, irado, o Lobato racista. Vejamos brevemente sobre essa sua primeira fase no entendimento do Brasil e de sua população.

Lobato cursou a Faculdade de Direito de São Paulo entre 1900 e 1904. Teve então contato com a obra de autores tais como Herbert Spencer (1820-1903), Charles Darwin, Hippolyte Taine (1828-1893), Voltaire (1694-1778), Auguste Comte (1798-1857), Littré (1801-1881) e, com destaque, Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Gustave Le Bon (1841-1931). Destes dois últimos, absorveu as teses de superioridade racial, de superioridade das elites sociais e a crença na possibilidade de construção de um “super-homem” (Moraes, 1997, p. 101-102).

Por exigência de seu avô, o poderoso Barão e Visconde de Tremembé (1830-1911), Lobato foi nomeado promotor de Areias, em São Paulo. Lá permaneceu até 1911, quando, com a morte do avô, herdou uma grande fazenda em Taubaté, sua cidade natal. Em 1917, vendeu aquela propriedade e, no ano seguinte, tornou-se proprietário da *Revista do Brasil*⁶.

Foi durante esse período que surgiram os trabalhos nos quais Lobato, a partir do insucesso de sua experiência como fazendeiro, trouxe a público suas impressões sobre o caboclo do interior. Foi assim que nasceu o Jeca Tatu, resultado da convivência do Lobato fazendeiro com o caboclo das terras vizinhas às suas. O Jeca nasceu, contudo, marcado por características um tanto quanto diversas daquelas que viriam a torná-

lo um célebre personagem da literatura brasileira.

Nessa primeira fase do Jeca, ganhou destaque o viés evolucionista, racista e eugenista de seu criador⁷. Responsabilizando o caboclo por todos os males do país, Lobato o classificou como um “funesto parasita da terra”, “inadaptável à civilização” “uma quantidade negativa”. Seria ele doente, preguiçoso, ignorante, incapaz para o trabalho. Essa interpretação foi divulgada através de dois trabalhos por ele publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, em 1914: os contos *Velha praga e Urupês* (Lobato, 1985).

A mistura de raças era denunciada como a causa daquela realidade. O caboclo, o mulato eram por ele apresentados como resultados degenerados da miscigenação. A hierarquia racial, na qual Lobato e intelectuais do período acreditavam, estabelecia que o branco era superior ao negro e que a mistura entre raças diferentes resultava em seres inferiores, degenerados, tal qual era apresentado o Jeca Tatu naquele momento.

Acontece, porém, que, no mesmo período em que deixou de ser fazendeiro, Lobato também mudou alguns de seus conceitos relativos ao caboclo brasileiro. Deu-se assim a “ressurreição” do Jeca Tatu, apresentada pelo autor em 1918, novamente por intermédio do jornal *O Estado de São Paulo*. Retornamos aqui ao ponto inicial, quando tratávamos do Lobato sanitaria, preocupado, ao lado de outros intelectuais, com as condições de saúde do brasileiro dos sertões.

Em parte, essa mudança na perspectiva de Lobato – e de muitos dos defensores do saneamento – em relação ao brasileiro dos sertões deveu-se à divulgação das conclusões da expedição promovida pelo Instituto Oswaldo Cruz aos Estados da Bahia, Pernambuco, Piauí e Goiás (Santos, 2004; Lima, 1999). Chefiada por Belisário Penna e Arthur Neiva, aquela expedição demonstrou que o habitante do interior estava sempre exposto à varíola, à malária, à doença de

⁶Sobre Lobato e a importante *Revista do Brasil*, consultar De Luca (1999).

⁷Lobato acreditava tanto na desigualdade das raças, como no prejuízo decorrente da miscigenação. Era, assim, um defensor da “pureza racial” (Moraes, 1997, p. 105).

Chagas, às doenças venéreas, além de ser vítima de parasitas intestinais e da subnutrição.⁸

De forma crescente, esse novo diagnóstico foi ganhando aceitação e fazendo adeptos. Lobato foi um daqueles que muito ativamente fez a sua divulgação. Um dos aspectos fundamentais do seu pensamento nesse momento pode ser sintetizado na sua afirmação: “O Jeca não é assim: *está* assim”, que apareceu como epígrafe no livro *Problema vital* (Lobato, 1956).

Em outras palavras, ganhava força a constatação segundo a qual, se o caipira era pouco produtivo, isso não era devido a um suposto mal de raça, resultante da miscigenação. Em lugar disso, as doenças endêmicas, bem como a miséria passaram a assumir o primeiro plano como fatores determinantes da sua condição inferior, na compreensão de Lobato e outros intelectuais do período. Assim é significativo que, no conto *Jeca Tatu – a ressurreição*, um “doutor”, ou seja, um médico, tenha feito a grande constatação, afirmando: “Amigo Jeca, o que você tem é doença” (Ibid., p. 331).

Essa guinada da raça à doença tornou possível que Lobato relativizasse o pensamento de alguns autores que o inspiravam, como evidenciou afirmando: “Respiramos hoje com mais desafogo. O laboratório dá-nos o argumento por que ansiávamos. Firmados nele contraporemos à condenação sociológica de Le Bon a voz mais alta da biologia” (Ibid., p. 298).

Ela apresenta também especial interesse no que se refere ao tema da eugenia nos moldes mais ou menos flexíveis propostos pelo pensamento lobatiano. Demonstra, por um lado, seu entusiasmo pela ciência, pelo microscópio, pela microbiologia, pela ciência médica, enfim. Revela ainda sua proximidade com médicos como Belisário Penna, Arthur Neiva, Renato Ferraz Kehl, além de outros nomes da área médica que se empenharam pelo saneamento dos sertões.

Se Lobato passou a entender que o mal maior estava nas doenças e que a solução era o saneamento dos sertões, isso não significou o abandono da causa eugênica. Pelo contrário, revela um dos mais marcantes

traços da adoção daquela ciência, na forma como se verificou no Brasil dos tempos da Primeira República.

Segundo De Luca, uma característica que particularizou a eugenia no Brasil até meados da década de 1920 foi

... a proximidade, quando não coincidência, entre as proposições derivadas de Galton e a higiene, saberes que ainda caminhavam muito próximos e que, até certo ponto, apareciam confundidos no discurso da época. A uni-los estava a crença, de fundo neolamarquista, na transmissão dos caracteres adquiridos, que permitia encarar qualquer melhoria nas condições higiênico-sanitárias da população, nos hábitos alimentares, na prática de esportes, como um avanço em termos de aperfeiçoamento genético. (De Luca, 1999, p. 230)

Como bem observa a autora, “a passagem da abordagem racial para a microbiológica esteve longe de implicar no fim das ambigüidades” (Ibid., p. 235). Voltemos às palavras de Lobato, à sua sensação de alívio – “respiramos com mais desafogo” –, contrapondo-se a Le Bon. Como destaca a historiadora Nancy Stepan (1985) essa crença neolamarckista na herança de caracteres adquiridos manifestou-se, no Brasil, como um esforço de adaptação, de adequação, de teorias científicas que apontavam em outra direção.⁹

Um esforço que tornou possível que algumas parcelas da intelectualidade brasileira negassem, e com base na ciência, que o país estava condenado ao atraso e sua população à degeneração. Por sinal, Stepan aponta ainda para a novidade que representou, no início do século XX, a associação entre lamarckismo e eugenia (Stepan, 1985, p. 361).

A controvérsia entre seguidores de Mendel, August Weismann (1834-1914) e Lamarck (1744-1829) prosseguiu por mais tempo. Ainda em 1933, Gilberto Freyre (1900-1987), no seu clássico *Casa-grande e senzala*, fez sua profissão de fé lamarckiana, postulando: “Ninguém hoje se abandona com a mes-

⁸Observe-se que desde o início do século, um clima intelectual ligeiramente mais favorável a negação da inferioridade inata do brasileiro já se esboçava sob variados matizes. Afonso Celso (1860-1938), Euclides da Cunha (1866-1909), Manuel Bomfim (1868-1932), entre outros, expressaram idéias nesse sentido.

⁹Stepan refere-se aqui ao determinismo de Johann Gregor Mendel (1822-1884), o qual, redescoberto no início do século XX, negava a herança de caracteres adquiridos. Com isso, se aceito ao pé da letra no Brasil, o mendelismo tiraria a força dos argumentos em favor do saneamento, tão caras aos intelectuais brasileiros naquele momento.

ma facilidade de há vinte ou trinta anos ao rígido critério weismanniano da não transmissão de caracteres adquiridos. Ao contrário: um neolamarckismo se levanta nos próprios laboratórios onde se sorriu de Lamarck.” (Freyre, 2002, p. 351)

Se a eugenia desenvolveu-se como uma ciência e um movimento social cuja meta primordial era o aprimoramento da raça humana, no Brasil ela incorporou, durante certo período, a esperança de que as condições do meio ambiente teriam repercussão sobre o patrimônio hereditário. Acreditando que a miséria e as doenças comprometiam não apenas as condições físicas e mentais dos indivíduos a elas expostos, mas também à sua prole, os defensores do saneamento clamavam pela urgência de se transformar aquela realidade. O saneamento, a educação higiênica, a boa alimentação passaram a ganhar lugar de destaque no discurso daqueles intelectuais, sendo apresentadas como medidas de caráter eugênico. (Santos, 2004)

Observe-se entretanto que aquele era um período em que o racismo e o medo da mistura entre raças se fazia muito presente no pensamento social brasileiro. O próprio Lobato, embora tenha reconhecido que o caboclo era doente e não um exemplo degenerado da raça, resultante da miscigenação, não revisou de forma tão profunda assim as suas concepções relativas à inferioridade do negro. Com isso, esclarece Moraes, o criador de Jeca Tatu prosseguiu defendendo que “o amulatamento da raça foi a ‘vingança inconsciente’, o castigo sofrido por ter-se escravizado os negros. Esta concepção de Lobato não mudaria” (Moraes, 1997, p. 109).

Desta forma, ainda em 1926, portanto oito anos após a publicação de *Problema vital*, Monteiro Lobato produziu o livro *O presidente negro* (Lobato, 1948), um romance de conteúdo racista e eugenista (Moraes, 1997, p. 106), e, podemos acrescentar, machista. Durante toda a sua vida, observa Nélio Bizzo, “Lobato manteve-se tão próximo das idéias eugênicas quanto de seu maior propagandista no país, Renato Kehl” (Bizzo, 1995, p. 32).

Destaque-se que, se no período do qual estamos

tratando, Kehl e outros eugenistas postulavam a hereditariedade de caracteres adquiridos, com o avançar da década de 1930, o mesmo Renato Kehl relativizou essa certeza. Passou assim a enfatizar, em oposição ao que fizera antes, que melhorias no meio ambiente eram benéficas para indivíduos eugenicamente constituídos. Mas não eram capazes de regenerar a raça. O pensamento de Kehl foi acentuando cada vez mais um tom racista, condenatório da mescla racial, e a pregar uma eugenia negativa¹⁰. Nunca é demais acentuar que a década de 1930 corresponde ao período em que verificou-se a ascensão do nazismo na Alemanha.

De qualquer forma, por mais que o pensamento social brasileiro do período fosse racista, a “confiança no embranquecimento, baseada no reconhecimento da superioridade racial da ‘raça’ européia, tornou impossível no Brasil uma eugenia radical” (Stepan, 1985, p. 382-383, tradução livre).

Ainda em relação à guinada de Kehl, verifica-se assim que, como fizera Lobato alguns anos antes, este médico eugenista mudou sua percepção. Entretanto, no caso de Lobato, podemos propor que, ao que tudo indica, a mudança de discurso operada em favor do saneamento não se processou sem alguma vacilação. Isto é, o problema da “saúde racial” do brasileiro, ou seja, a questão racial, prosseguiu fazendo-se presente a ele como uma questão pendente.

Condição esta que, conforme Stepan, não era exclusividade de Lobato. Segundo a historiadora, “a falta de segregação legal baseada na raça (...) significou que na década de 1920, a elite brasileira foi, em sua totalidade, ‘assimiladora’ no nível dos discursos públicos, mesmo que, no privado, fosse racista e discriminadora” (Stepan, 1985, p. 371, tradução livre).

E mesmo que esta tenha sido sua “melhor fase”, tendo eleito o saneamento rural como a questão nacional por excelência, conforme propôs Castro Santos, outros aspectos devem ser considerados. Como indica o autor, o movimento sanitário “Era fundamentalmente um movimento de elite. É verdade que dava ‘uma vista de olhos para a população’, mas pouco fez além da distribuição de exemplares da história do *Jecatatu-*

¹⁰Sobre o assunto, consultar Stepan (1985) e Stancik (2003). Para esclarecer de forma sucinta, a eugenia negativa consistia no impedimento à procriação dos indivíduos considerados inferiores ou degenerados, através da esterilização, da eutanásia. Por sua vez, a eugenia positiva – aquela defendida originalmente por Galton – deveria se dar através do estímulo à reprodução dos exemplares considerados mais perfeitos, visando a proliferação somente de suas qualidades físicas, mentais e morais ditas superiores, que se supunha transmitidas de pais para filhos.

zinho, num país que contava, em 1920, 70% de analfabetos” (Castro Santos, 1985, p. 201-202).

Em seu romance *O presidente negro*, Lobato, defendendo sua perspectiva eugenista, fez largo uso dos preceitos racistas vigentes no período. Abordando o “choque das raças” branca e negra nos Estados Unidos, no ano de 2228, Lobato, dando exemplos de suas expectativas eugenistas, previa para o futuro daquele país:

O princípio da Eficiência resolvera todos os problemas materiais dos americanos, como o eugenismo resolvera todos os seus problemas morais. Na operosidade e uniformidade do tipo, aquele povo lembrava a colméia de abelhas. Quase não havia [como] distinguir um indivíduo do outro, pois tomar um homem ao acaso era ter nas mãos uma poderosa unidade de eficiência dentro de um admirável tipo de ariano pele-avermelhado.

As mulheres não mais evocavam fisicamente as suas avós, magras umas, outras gordas, esta toda nádegas, aquela uma tábua ou de enormes seios e dentes de cavalo – verdadeira coleção de monstruosidades anatômicas. (...).

Finas sem magreza, ágeis sem macaquice, treinadas de músculos por meio de sábios esportes, conseguiram alcançar a beleza nervosa de éguas puro-sangue... (Lobato, 1948, p. 232)

Diferente da diversidade racial do Brasil, que tanto o incomodava, o ideal de uniformidade do tipo “superior” pelo aperfeiçoamento racial – objetivo eugênico – fora alcançado nos Estados Unidos naquele futuro utópico descrito pelo escritor brasileiro. Mas os benefícios por ele vislumbrados naquele empreendimento eugênico não ficavam apenas na conquista do ideal de beleza ariana. Nas suas palavras, sob um nítido enfoque darwinista-social:

O característico mais frisante dessa época, todavia, estava na organização do trabalho. *Todos produziam*. Muito cedo chegou o americano à conclusão de que os males do mundo vinham de três pesos mortos que sobrecarregavam a sociedade – o *vadio*, o *doente* e o *pobre*. Em vez de combater esses pesos mortos por meio do *castigo*, do

remédio e da *esmola*, como se faz hoje, adotou solução muito mais inteligente: suprimi-los. A eugenia deu cabo do primeiro, a higiene do segundo e a eficiência do último. Aliviada da carga inútil que tanto a embaraçava e afeiava, pode a América aproximar-se de um tipo de associação já existente na natureza, a colméia – mas a colméia da abelha que raciocina. (ibid., p. 233, itálicos no original)

Futuro este que, apesar das conquistas, ainda não se revelava perfeito, pois, relatava o escritor, ainda persistia “uma pedra no sapato americano: o problema étnico. A permanência no mesmo território de duas raças díspares e infusíveis perturbava a felicidade nacional”. Ainda no século XXIII, a raça negra prosseguia inferior naquelas previsões, e Lobato a descrevia como uma “raça de pitecos” (Ibid., p. 258). Mesmo assim, inferiores, esses “pitecos” ameaçavam a continuidade do “incoercível programa branco: ‘vencer’”, dominar (Ibid., p. 258, 263).

Em resumo, constata-se que Lobato assimilou e incorporou o discurso que advogava por melhores condições de saúde, como o caminho para a restauração do homem brasileiro. No entanto, se essa perspectiva sanitarista significou uma alternativa ao discurso racista, no seu caso não conduziu à superação do mesmo. Portanto, para Lobato, a indolência e pouca produtividade atribuída ao brasileiro passou a ser associada às más condições de vida, mas o negro prosseguiu sendo visto pelo intelectual como um ser inferior.

Com isso, passemos agora para o segundo caso que pretendemos analisar: a perspectiva do cientista Aleixo Nóbrega de Vasconcellos relativa ao homem – ou à raça – e à eugenia no Brasil.

4. Aleixo de Vasconcellos, o leite e os Jecas¹¹

Todos os grandes feitos da medicina nascem no laboratório. As hipóteses fantasistas, as composi-

¹¹ As reflexões sobre Aleixo de Vasconcellos têm por base: Stancik (2002; 2003).

ções acadêmicas, as explicações oportunistas, o *magister dixit* não são mais para a nossa época. Quando tiverdes conhecimento de novas concepções no domínio da medicina, só as aceiteis quando vos apresentarem a sanção da experimentação, o *veredictum* do laboratório. Segui nas vossas pesquisas o caminho mais simples que a razão vos indicar. E, na execução do método experimental, procedei com inteira isenção de especulação metafísica.

Embora a consciência reivindique algumas vezes o direito de afirmar condições espiritualistas e religiosas, é preciso reclamar para a ciência todas as prerrogativas da liberdade, com a maior energia. Só desta maneira, poderá o espírito agir sem preconceitos. (Vasconcellos, 1914, p. 24)¹²

O trecho transcrito acima é uma veemente declaração pública de fé na ciência, proferida pelo orador oficial da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, Aleixo Nóbrega de Vasconcellos. Estávamos no final do ano de 1913 e Vasconcellos ainda não atingira os trinta anos de idade, nem Lobato se lançara ainda a polêmicas em torno do Jeca. No Brasil, a intelectualidade mobilizava-se impelida pelo desejo de que o país se fizesse incluído entre as nações ditas civilizadas e, ao mesmo tempo, mostrava-se atormentada pelas dúvidas quanto ao futuro da raça com a qual se construiria esse futuro.

Naquele mesmo discurso, Vasconcellos evidenciou mais alguns aspectos sobre como pensava a carreira científica, pela qual optara há alguns anos. Revelou assim que, mais que um médico ou um simples “homem de laboratório” conformado a aquele limitado espaço, esforçou-se por tornar-se reconhecido como um “homem de ciência”, devotado às causas de seu país:

Não me façais, porém, a injustiça de julgar que os centros científicos, vivendo de operações intelectuais, cultivem o desinteresse pelos destinos do país. Não. É bem diverso o seu papel. Lembrai-vos da frase de Moisson, “feliz é o povo que compreende o papel da ciência”.

Bem disse o filósofo.

Feliz é o povo que pode contar entre os seus concidadãos espíritos livres e perscrutadores, e que vê na ciência, ao mesmo tempo que uma conselheira de tolerância e de modéstia, o auxiliar indispensável do progresso e a companheira inseparável da verdade! (Id.)

Segundo afirmou, a ciência por ele defendida deveria estar à serviço do país, extrapolando as paredes do laboratório. Os homens de ciência, buscando a verdade, deveriam colocar-se a serviço do progresso de seu país. E o que dizer de sua pregação em nome da modéstia e, acima de tudo, da tolerância?

Em 1913, Vasconcellos, ainda bastante jovem, inseria-se entre prestigiosos homens de ciência. Falando aos seus pares em nome da tolerância, era como se lhes fizesse um alerta. Alerta este que poderia adquirir muitos significados em uma sociedade racista, onde a intelectualidade, embora de forma seletiva e adaptando aquilo que lhe servia e descartando o resto, fazia largo uso de teóricos europeus que pregavam a diferenciação e a hierarquização das raças humanas.

Talvez, mas essa é apenas uma hipótese provisória, Vasconcellos já esboçasse, embora não livre de contradições, uma perspectiva mais tolerante em relação ao homem brasileiro. Ao menos no que se referia às questões da raça e da eugenia. É o que tentaremos evidenciar.

Na sequência de seu discurso, em que teve como ouvintes importantes convidados do cenário médico, tais como Carlos Seidl (1867-1929), diretor geral da saúde pública, e Miguel Couto (1865-1934)¹³, professor da Faculdade de Medicina e presidente da Academia Nacional de Medicina, Vasconcellos, pretendendo demonstrar a exatidão de suas idéias, apelou para exemplos de pesquisadores cujos trabalhos tiveram repercussão e/ou revolucionaram o campo médico-científico. Iniciemos por dois que tiveram alguma proximidade com Vasconcellos. Ele assim se expressou:

Lembrai-vos de Oswaldo Cruz e meditai sobre a

¹² Magister dixit: literalmente, “o mestre o disse”. Referência à aceitação sem questionamento das palavras dogmáticas de um mestre, de um líder, ou da doutrina de um partido.

¹³ Tanto Seidl quanto Couto revelaram suas fortes inclinações em favor de uma eugenia de tons racistas, por exemplo, clamando contra a imigração de japoneses para o Brasil, no início da década de 1920.

sua obra grandiosa. Na faina diária de indagações científicas, com o seu invejável poder inventivo, secundado de escrupulosa pesquisa das realidades objetivas, à solução dos problemas sanitários, prestou à Pátria benefícios inestimáveis, concorrendo para o seu desenvolvimento material e intelectual.

Lembra-vos ainda da recente conquista na patologia humana, onde Carlos Chagas triunfou. As suas novas aquisições, no domínio da medicina experimental, marcam uma época na medicina brasileira. (Id.)¹⁴

O nome mais ressaltado foi, no entanto, o de Louis Pasteur (1822-1895). Detenhamo-nos em uma das passagens onde Vasconcellos referiu-se ao pesquisador francês e aos seus trabalhos sobre a vacinação:

No ardor do seu gênio infatigável, Pasteur domina os vírus como dominara os fermentos. Classifica-os, atenua-lhes a virulência e estabelece uma teoria lógica e científica da vacinação. (...)

A atenuação dos vírus, obtida por processos artificiais, tem o duplo papel de fazê-los agir como instrumentos de cura e imunidade. O tóxico modificado não é somente inofensivo; ele é também antídoto de venenos mais violentos. O vírus enfraquecido paralisa o vírus mais forte; e o mal, desarmado pela vontade da ciência, volta-se contra si mesmo para se aniquilar. (Ibid., p. 25)

A ciência, em particular a medicina experimental, portanto, revelava-se nas palavras do orador como a ferramenta por excelência com a qual o homem poderia dominar e colocar a natureza a seu serviço. Era essa a principal expectativa por ele alimentada em relação ao desenvolvimento da ciência.

Retornemos um pouco no tempo, para melhor compreendermos esse entusiasmo de Vasconcellos pela ciência, a qual, no seu entendimento, tudo poderia transformar a favor do homem, trabalhando inclusive pela “defesa da espécie” (Vasconcellos, 1924b, p. 164).

Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1908, o carioca Aleixo Nóbrega de Vasconcellos atuou, desde os tempos da faculdade, em meio a nomes de prestígio no campo médico-científico brasileiro, o qual então estava se constituindo. Começando por aquele que é reconhecido como o patrono da medicina higienista e sanitarista no Brasil, Oswaldo Cruz (1872-1917). Vasconcellos trabalhou com esse verdadeiro mito da ciência nacional, durante o período em que redigia a tese de doutoramento, pesquisando em Manguinhos.¹⁵ Esta, por sinal, era uma instituição que despontava no Brasil e no exterior, obtendo o reconhecimento como importante centro de pesquisa científica. Não se pode desconsiderar o significado de tal feito num contexto em que, como vimos, colocava-se em dúvida a viabilidade do homem brasileiro como raça e a do país se fazer inserido entre as nações ditas civilizadas.

Seguindo o exemplo de Oswaldo Cruz, o qual por sua vez se inspirava em Pasteur, Vasconcellos reconheceu na ciência a grande aliada da humanidade. Mas diferindo da postura autoritária revelada por Oswaldo Cruz, o qual enfrentou séria resistência a impor, sem um maior esclarecimento, a vacinação compulsória¹⁶, Aleixo tendeu a enfatizar também a importância da persuasão. Possivelmente, Miguel Couto, referido linhas atrás, pode ter-lhe inspirado, ao menos em parte, essa tendência.

Couto foi outro nome de projeção no cenário médico-científico cujas aulas na Faculdade de Medicina¹⁷ devem ter exercido influência sobre Vasconcellos.

¹⁴ Ao ser eleito para a Academia Nacional de Medicina, em 1935, Aleixo de Vasconcellos ocupou a vaga decorrente da morte de Carlos Chagas, um dos mais celebrados nomes da medicina experimental brasileira.

¹⁵ Não fazendo vista grossa aos possíveis exageros cometidos no discurso destinado a recepcionar Vasconcellos como membro da Academia Nacional de Medicina, em 1935, observe-se que Leonel Gonzaga, médico e professor da Faculdade de Medicina, afirmou ter sido ele “um dos discípulos prediletos” de Oswaldo Cruz. Por sinal, um trabalho de Vasconcellos foi apresentado na Exposição de Higiene realizada em Berlim, no ano de 1907 (Academia Nacional de Medicina, 1936, p. 276). Evento este que consagrou mundialmente tanto a Oswaldo Cruz, quanto ao Instituto de Manguinhos, o qual passou a denominar-se, a partir do ano seguinte, Instituto Oswaldo Cruz. Sobre Oswaldo Cruz e Manguinhos, consultar: Benchimol (1990).

¹⁶ Fazemos referência àquela que ficou conhecida como a Revolta da Vacina, ocorrida em 1904, durante a qual a população do Distrito Federal rebelou-se diante da vacinação obrigatória contra a varíola.

¹⁷ Relatando a postura adotada por professores e alunos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no início do século, Chagas Filho enfatiza a preocupação, entre os primeiros, em manter alto o status de que desfrutavam, comparecendo às aulas de chapéu-coco e sobrecasaca. Quanto aos alunos, os quais pagavam caro pelo estudo, também observava-se o esmero no vestir: “Nem sempre de sobrecasaca, mas sempre de terno, colete, colarinho duro e gravata” (Chagas Filho, 1993, p. 46). Índícios estes do prestígio e projeção pleiteados por todos aqueles que seguiam a carreira médica.

Nas primeiras décadas do século XX, Couto veio a destacar-se como um dos grandes defensores da educação, vista por ele como instrumento de regeneração do povo e da nação. Para exemplificar, lembremos que, no título de uma de suas obras, Couto propôs que “no Brasil só há um problema nacional: a educação do povo”.

Como pediatra, Vasconcellos trabalhou na Santa Casa de Misericórdia com o prestigiado médico Antônio Fernandes Figueira (1863-1928), ao lado de quem foi fundador da Sociedade Brasileira de Pediatria. Reunindo os conhecimentos e experiência obtidos no exercício da pediatria com aqueles resultantes da sua formação de pesquisador no Instituto de Manguinhos, Vasconcellos chegou a desenvolver um medicamento novo – o *Pertussol* – para o tratamento da coqueluche. Foi, por conta disso, apontado como o precursor no tratamento daquela doença no Brasil.

Como perito químico e médico legista do Serviço Médico Legal da cidade do Rio de Janeiro, atuou ao lado do eugenista, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Afrânio Peixoto, o qual remodelara os serviços de medicina legal do Distrito Federal. Além de médico legista, Afrânio Peixoto foi ainda político, professor, historiador e autor de várias obras literárias e médicas. Entre os diversos trabalhos por ele publicados, têm particular interesse para os fins do presente estudo aqueles em que expôs suas idéias em relação à educação. São palavras suas, publicadas pela *Revista do Brasil*, de Lobato:

Saneamento, sim! Educação, também! Principalmente educação, porque então será mais fácil, e só então durável, o saneamento.

(...) o saneamento não é só o remédio infalível para a ‘doença do Brasil’; além deste e com este, para a ignorância dos meios, a imprevidência dos recursos, a incúria da saúde, a incapacidade de trabalho e de economia, a pobreza triste e envergonhada, no meio da festa da nossa natureza, só existe um recurso, remédio único e específico: a

educação, pela instrução primária profissional, técnica, superior; educação – para a prosperidade, para a saúde, para a felicidade, para a redenção do Brasil...” (Peixoto, 1918, p. 120)

Palavras estas que revelam que, para Peixoto, sem a educação do brasileiro, qualquer trabalho de saneamento ficaria comprometido. Defendia, desta forma, a ação conjunta da higiene e da educação.

Tanto Oswaldo Cruz, quanto Miguel Couto e Afrânio Peixoto, entre tantos outros, foram assim destacados membros de um campo médico-científico ainda em formação no Brasil e que se fizeram presentes no início da trajetória científica de Aleixo de Vasconcellos. Associando o par educação e higiene à proposta de redenção do país e do brasileiro, provavelmente as idéias dos dois últimos tiveram relativo peso sobre a perspectiva revelada por Vasconcellos.¹⁸

Vasconcellos, no entanto, não desfrutou apenas da convivência com membros da elite científica e intelectual. Nomeado bacteriologista do embarcadouro do porto do Distrito Federal em fevereiro de 1912, atuou num “setor dos trabalhadores urbanos em que a presença do negro foi muito forte desde os tempos da escravidão, e assim continuou após a abolição”, constituindo-se aquele espaço numa espécie de “reduto negro” (Arantes, 2003).

Se o peso da autoridade dos homens de ciência dos quais se cercou deixou, sem sombra de dúvidas, suas marcas no cientista Aleixo de Vasconcellos, acreditamos ainda que o contato com as classes mais baixas também inspirou-lhe na construção de sua perspectiva sobre a realidade do país. E essa convivência com a miséria se verificou em outras atividades por ele desempenhadas.

Para o período e o tema em questão, consideramos que a dedicação de Vasconcellos aos estudos relativos ao leite e aos produtos laticínios – assuntos estes em que foi reconhecido como uma das grandes autoridades brasileiras – também pode nos revelar algo

¹⁸Sobre Miguel Couto e Afrânio Peixoto, ver Micael Herschmann (1996), o qual aponta que: “Ambos obtiveram grande projeção nacional e internacional, estiveram à frente de instituições importantes e, principalmente, pleitearam que se ampliasse a atuação dos médicos ao campo da literatura, da política e da educação. Atesta-se, em seus discursos, uma preocupação constante em legitimar e afirmar a necessidade de uma atuação ampla e diversificada do médico” (Ibid., p. 38). Ainda segundo o autor, ao lado de Nina Rodrigues (1862-1906), Peixoto, Couto e Oswaldo Cruz são “reverenciados (...) como fundadores, patronos do campo médico moderno no Brasil” (Ibid., p. 56). Três nomes que seguramente exerceram influência na carreira científica de Vasconcellos.

mais a esse respeito.

Nomeado em março de 1921 para a chefia da Seção de Leite e Derivados, do Serviço de Indústria Pastoral, órgão recém-criado e subordinado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, naquela função Vasconcellos também pode conhecer as condições de vida do brasileiro. E elas o impressionaram, fornecendo-lhe mais elementos ao seu entendimento sobre os problemas que diagnosticou para o país. Por isso, é principalmente tendo em vista o trabalho por ele realizado enquanto esteve à frente daquela repartição pública que pretendemos pensar sua perspectiva relativa ao problema da raça no Brasil.

Na direção da Seção de Leite, Vasconcellos viu-se diante da tarefa de coordenar um trabalho cuja abrangência se estendia por vários estados brasileiros.¹⁹ Teve assim a oportunidade e a obrigação de pensar uma série de questões que se colocavam não apenas ao órgão por ele dirigido, mas ao país como um todo.

Dirigindo sua atenção para o tratamento dispensado ao leite de origem bovina pelos seus produtores, comerciantes e consumidores, Vasconcellos parece ter concluído que a “ignorância” era um dos grandes males, senão o maior, a afligir o brasileiro. Constatação essa que, em certa medida, coincidia com as já expressas por Miguel Couto e Afrânio Peixoto, entre outros intelectuais do período.

Essa ignorância, segundo as palavras de Vasconcellos, se expressava de forma visível na forma como o leite era consumido no Brasil. Considerando-o um alimento de grande importância para a saúde da população, o seu consumo em condições inadequadas ou a sua ausência na dieta de muitos lares preocupava o cientista que se dizia interessado em trabalhar pela “defesa da espécie”. Vejamos inicialmente o que ele falou em relação ao produto enquanto alimento humano.

Discursando na sessão de abertura da Primeira Conferência Nacional de Leite e Laticínios, por ele organizada e presidida no ano de 1925, Vasconcellos enfatizou: “Graças ao leite, em perfeitas condições,

reconfortam-se as crianças, reparam-se os distúrbios renais que encurtam a vida do homem, já tão curta de si mesma e desintoxicam-se os organismos inveterados em alimentações malsãs” (Conferência Nacional de Leite e Laticínios, 1926, p. 16).²⁰

Mas essa questão já o interessava alguns anos antes de assumir a direção da Seção de Leite. Em 1916, ele já se mostrava preocupado com a qualidade do leite consumido no país, alertando:

Podemos desde já adiantar que a ingestão de alimentos contaminados representa, na etiopatogenia da tuberculose digestiva do homem, um importante papel e que as crianças são muito mais expostas aos riscos de contaminação. Dentre os alimentos destaca-se o leite, como a principal fonte de infecção.

As estatísticas de Fraser, Edimbourg e Mitchell provam que a tuberculose da infância é na média de 70%, devida a bacilos bovinos veiculados pelo leite que não sofreu a cocção. (Vasconcellos, 1916, p. 343)

Foram diversas as ocasiões em que o cientista fez alertas referentes ao papel do leite e a importância da higiene no seu trato, revelando-se preocupado com as condições em que aquele alimento era produzido e consumido: “Leite poluído é leite tóxico, não é alimento, é veneno” (Vasconcellos, 1922, p. 18).

Por isso, no seu entendimento, o leite deveria ser cercado de muitos cuidados para que viesse a ser uma garantia de boa saúde. Infância e leite deveriam estar sempre associados. Sem o alimento, ou se ele fosse oferecido em condições não higiênicas, advertia o cientista, o desenvolvimento infantil não seria o desejado, ficando comprometido. Assim, colocando os termos de uma forma tal que dava à equação uma aparência de extrema simplicidade, Vasconcellos recomendou:

Repamem chá e café. Note como são elas pálidas e doentias. Há sempre mais doenças nas ci-

¹⁹Embora de forma precária e enfrentando a escassez de recursos financeiros, materiais e humanos, Vasconcellos era assessorado por inspetores de leite e laticínios espalhados pelo país. O Decreto 14.711, de 5 de março de 1921, que estabeleceu o regulamento do Serviço de Indústria Pastoral, determinava a criação de sete inspeções de leite, distribuídas por todo o território nacional, onde atuariam aqueles inspetores.

²⁰Diante de tais afirmações, é importante frisar que não é nosso intento verificar a veracidade das mesmas.

dades em que se encontra pouco leite. Quando os preços do leite de consumo sobem e por isso as famílias reduzem a quantidade para as crianças, mais depressa ocorrem moléstias.

Dê leite puro e limpo aos seus filhos que eles crescerão fortes e com saúde e adquirem resistência para lutarem contra as doenças. Poupe em outras coisas, não em leite, o melhor dos alimentos para as crianças. (Vasconcellos, 1924a, p. 67-68)

Embora o considerasse “o principal alimento” (Vasconcellos, 1924b, p. 166), segundo Vasconcellos, o leite, além de pouco estudado pelos homens de ciência, era objeto de preconceitos, mesmo da parte dos médicos. Ele asseverou: “Somente agora é que os médicos começam a dedicar-se ao estudo do leite (leite de vaca), considerando as suas propriedades alimentares, e, muito devagar os médicos pediatras clínicos vão-se alijando dos preconceitos que os amarram e inibem de considerar verdadeiras as recentes aquisições da ciência no intrincado capítulo da alimentação.” (Conferencia Nacional de Leite e Lacticínios, 1926, p. 285)

Essa sua percepção e a certeza quanto ao acerto de seu saber médico-científico em relação ao leite levaram-no a desautorizar as conclusões de um dos mais respeitados e reverenciados pediatras brasileiros, Olinto de Oliveira (1866-1944). Isso ocorreu por ocasião da Primeira Conferência do Leite, em 1925. Após a apresentação do trabalho daquele médico, Vasconcellos, apesar de qualificá-lo um “luminar das ciências médicas e notável pediatra”, sugeriu que, na alimentação infantil, o leite esterilizado ou com conservantes, conforme recomendado por Olinto de Oliveira, era, na verdade, um “veneno” e não um alimento (Ibid., p. 152-153).

Diante de tão generalizada ignorância em relação ao “principal alimento”, seria grande a necessidade de se fazer a difusão dos saberes científicos produzidos em relação ao leite. Por isso, em agosto de 1922 veio à público o primeiro número da revista *Leite e Lacticínios*. À sua frente, como idealizador e redator chefe, estava o cientista Aleixo de Vasconcellos.

Um empreendimento original e ousado, porém de resultados insignificantes. Por seu intermédio o ci-

entista tentou dar concretude ao projeto de fazer a difusão de ensinamentos a todos os brasileiros. Ensinamentos embasados na pesquisa e na experimentação e não no *magister dixit* por ele criticado. Ensinamentos destinados a produtores, comerciantes e consumidores de leite, mediante os quais homens de ciência auxiliariam no trabalho em favor da defesa da espécie.

No entanto, num país onde 70% da população era analfabeta, a aceitação do novo periódico foi tão reduzida, e tão escassos os assinantes, que a solução pela qual Vasconcellos optou foi sua distribuição gratuita. Isso se estendeu até dezembro de 1924, quando circulou o último número de *Leite e Lacticínios*.²¹

5. O Jeca Tatu segundo Aleixo de Vasconcellos

Considerando-se aquilo que foi exposto até aqui, podemos fazer mais algumas considerações em relação ao pensamento de Vasconcellos. Voltemos rapidamente ao início do século XX, quando da conclusão de seu curso de Medicina. Podemos supor que já naquele momento o jovem pesquisador provavelmente entendia que também era sua missão buscar por soluções para os problemas do país, assim como vinham fazendo outros homens de ciência. E Oswaldo Cruz, de quem Vasconcellos foi citado como um “discípulo” justamente no período em que ele colhia as glórias do reconhecimento internacional, era certamente considerado o maior de todos, no Brasil.

Quanto aos diagnósticos e as teorias que então circulavam e se faziam a ele disponíveis – seja por intermédio da Faculdade de Medicina, pelo contato com outros homens de ciência, ou como for –, Vasconcellos deles se serviu de maneira particular. Aceitando ou rechaçando estas ou aquelas proposições, foi elaborando o seu pensamento, seus próprios diagnósticos e propondo as soluções que julgava mais pertinentes. E seguramente não o fez de forma monolítica, rígida, única ou imutável.

Dessa maneira, ao chegarmos à década de

²¹ Mais informações sobre o periódico, consultar Stancik (2002).

1920, quando a Seção de Leite do Serviço de Indústria Pastoral o colocou diante da problemática do leite como produto comercial e como alimento humano, Vasconcellos parece ter encontrado e se servido do grande laboratório que assim se lhe oferecia. Não um espaço para poucos, afastado dos leigos, assepticamente isolado por quatro paredes. Diferente disso, seu laboratório para pensar e desenvolver “remédios” para o país foi a imensidão de seu território – ou pelo menos aquelas parcelas com as quais pode contactar, mesmo que indiretamente, por intermédio dos relatórios de outros funcionários do Serviço de Indústria Pastoral encarregados da fiscalização do leite.²²

Como outros vinham fazendo, entre eles Monteiro Lobato, Vasconcellos não ficou indiferente em relação à realidade brasileira com a qual teve contato, isto é, na forma como a percebeu. Como se deu com outros intelectuais do período, de suas reflexões resultou a construção de um perfil do brasileiro, a atribuição de uma fisionomia e a associação de alguns atributos ao mesmo. Decorreram também propostas orientadas no sentido de transformar aquela realidade.

No caso de Vasconcellos, tendo-se em vista suas considerações sobre o brasileiro, percebemos que ele associou-o ao tipo sociológico do Jeca: indolente, inapto para o trabalho, incapaz de adaptar-se ao progresso ou à civilização.

Essas características foram ressaltadas no transcorrer da Primeira Conferência de Leite, no Distrito Federal. Na oportunidade, além de promover o debate entre os homens de ciência, Vasconcellos manifestou-se

preocupado em instruir o público leigo. Entre outras atividades, o evento registrou a realização de palestras proferidas por médicos, projeções, a encenação de uma peça de teatro produzida por Vasconcellos, a exposição de aquarelas.

Estas últimas, as aquarelas, foram encomendadas por Aleixo de Vasconcellos ao pintor Mario Tullio (1894-1962)²³. Eram ao todo quinze aquarelas com um evidente propósito educativo. Uma delas, a única sobre a qual iremos nos deter, não recebeu título. Dividia-se em duas cenas distintas.

A primeira cena apresentava o contínuo reproduzir-se da doença, da miséria e da degeneração, como vinham interpretando-a os homens de ciência. Apresentava uma família de miseráveis desnutridos, a personificação da ignorância, da má alimentação e da falta de higiene, tantas vezes aludidas por Vasconcellos.

Um grupo que padecia em meio à falta de higiene, em sua dupla acepção de asseio e higidez. Segundo podia-se ler na aquarela, “A família sofria azar e dor; Enfim, a vida ali era apertada,/ Pois lar sem leite é lar sem paz e amor!” (Conferência Nacional de Leite e Lactínicos, 1926, entre p. 342-343).

A habitação de que se serviam era um casebre, e até mesmo os animais de estimação, um cachorro, um gato e um galináceo, espelhavam o estado de profunda degradação física e moral do homem, passado de uma geração a outra. Alusão provável à reprodução da miséria e da degeneração, ou de sua “hereditariedade”.

Na primeira cena, os personagens pareciam ter

²²Essa proposição enfatiza nossa certeza de que as representações sociais se constroem na relação entre diferentes agentes e instituições, em diferentes espaços sociais.

²³Pintor italiano naturalizado brasileiro, Tullio realizou exposições no Rio de Janeiro, Recife e São Paulo. Foi também professor de Belas Artes, desenhista e caricaturista.

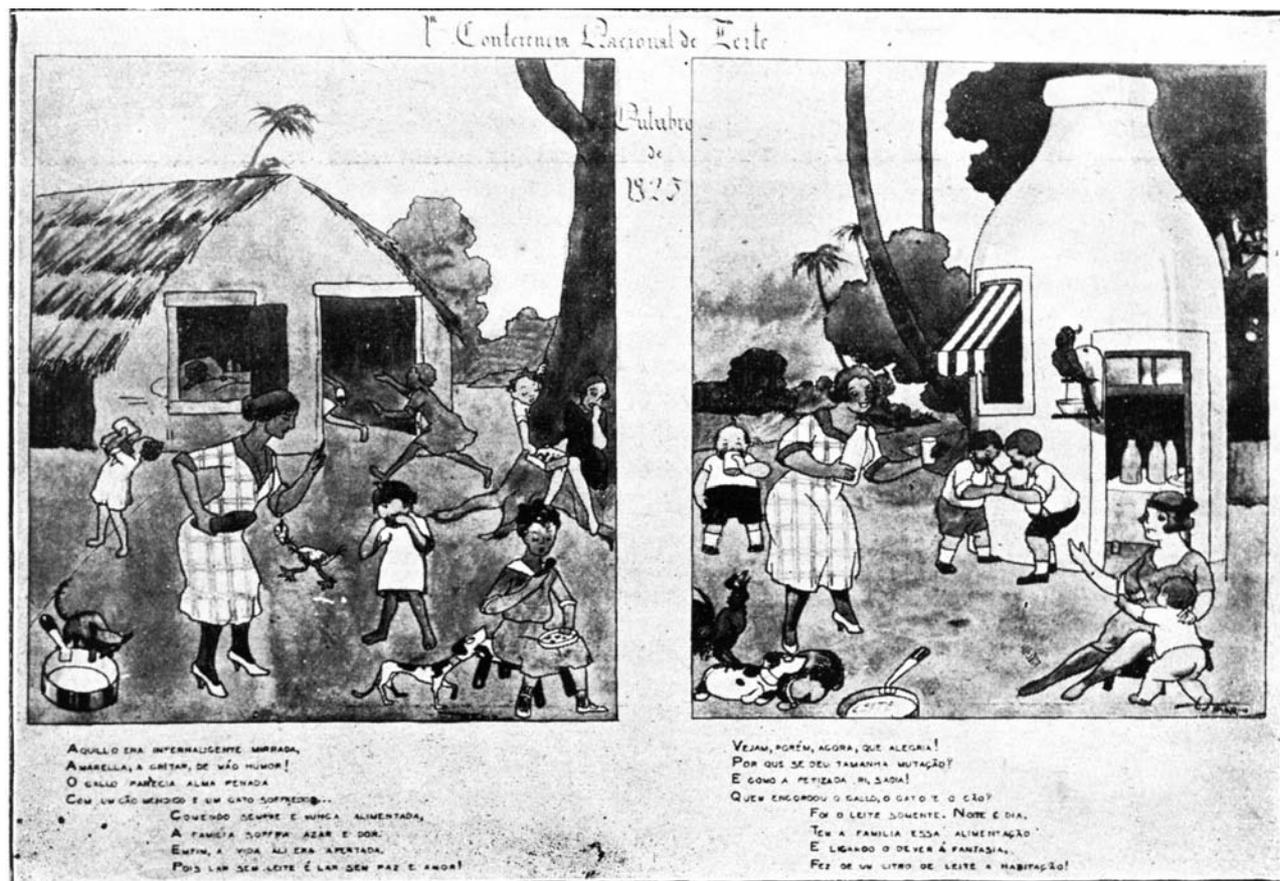


Figura 1 - Aquarela sem título / TULLIO, M. **Aquarela sem título**. 1925. Reprod.: p & b; 14 x 10,6 cm em papel. In: Conferência Nacional de Leite e Laticínios. 1926, entre p. 342-343.

saído das narrativas de Lobato sobre o Jeca Tatu. Um Jeca que, para superar aquela condição inicial degenerada deveria, na proposição de Vasconcellos/Tullio, fazer amplo uso de leite de boa qualidade.²⁴

Toda aquela degradação seria fruto não de um mal irremediável, mas apenas da ignorância. Eis o porquê do tão exaltado papel educativo reservado ao homem de ciência, na concepção de Vasconcellos: somente ele, a partir da propagação de conhecimentos estabelecidos sob o amparo da observação e da experimentação científicas, poderia indicar os caminhos seguros que todos deveriam trilhar.

Por isso, na segunda cena da aquarela, a mesma família e todo o ambiente circundante haviam sofrido

uma profunda transformação. A desordem e a degeneração daqueles Jecas havia sido substituída pela saúde e boa disposição – é o que as formas mais arredondadas dos personagens pareciam querer indicar. Tudo por obra da disseminação e aplicação dos saberes médico-científicos como aqueles que Vasconcellos vinha desenvolvendo e esforçando-se para propagar e tornar aceitos pela sociedade.

Eis aí o verdadeiro papel dos homens de ciência, na concepção de Vasconcellos. Homens que de maneira alguma poderiam ficar circunscritos aos limites do laboratório, mas que deveriam se fazer presentes e atuantes na sociedade, trabalhando para transformá-la. Assim, estava convencido, seriam superadas a

²⁴ As proposições de Lobato, segundo o qual a regeneração do Jeca somente se daria mediante o trabalho médico-científico que fazia a imposição dos hábitos higiênicos, do uso de medicamentos (o Biotônico Fontoura adotou-o como seu garoto-propaganda), Vasconcellos acrescentou ainda os benefícios do amplo consumo de leite, o que não era aceito, sendo até mesmo desaconselhado por muitos médicos.

miséria, a degeneração, o atraso que os homens de ciência enxergavam em todos os recantos do país.

Aqui, além da alusão ao brasileiro como um Jeca Tatu doente e improdutivo, constata-se mais uma similaridade entre o pensamento de Vasconcellos e o de Lobato. Trata-se do viés neolamarckista há pouco abordado, o qual entendemos presente também na abordagem daquele cientista.

Higiênico, bem alimentado, educado, o brasileiro não apenas melhoraria sua condição, como também legaria à sua descendência aquela condição superior. Caso contrário, sua prole prosseguiria herdando a decadência física, intelectual e moral retratada na primeira cena da aquarela, conforme se pode inferir pela pregação de Vasconcellos.

6. Considerações Finais

Nos dias atuais está estabelecido que não faz sentido falar-se em “raças puras”. No entanto, a noção de raça foi e tem sido empregada para hierarquizar e desqualificar indivíduos e grupos tidos como “inferiores”.

Assumindo pressupostos racistas, diferentes agentes, instituições, interesses, em variados contextos sociais, econômicos e políticos deram lugar a diferentes formas de apropriação dos temas raça e eugenia. Resultaram assim programas e práticas as mais diversificadas. Em alguns casos, quando o Estado assumiu políticas racistas e eugenistas, isso resultou na adoção de programas de esterilização e, por fim, no extermínio das “raças inferiores”.

Contemporâneos, pensando os problemas do país, Vasconcellos e Lobato revelaram a originalidade de suas perspectivas, através das proposições que trouxeram à público em seus trabalhos.

Tanto Lobato, quanto Vasconcellos conviveram com intelectuais de prestígio e projeção, condição que eles próprios conquistaram, bem como com as mais humildes e miseráveis classes populares. Experiências estas que deixaram, cada um a seu modo, profundas marcas na percepção dos dois intelectuais, no que se referia ao país e a sua população.

Lobato, em determinado momento, passou a dar maior ênfase ao saneamento em lugar da raça, ao pen-

sar o seu Jeca Tatu. Vasconcellos também não nasceu um defensor da educação, da higiene, do leite como o “principal alimento”. Ambos foram construindo suas perspectivas, reelaborando aquilo que lhes era oferecido pela sociedade, conforme suas necessidades e possibilidades e, com isso, mudando de opinião, repensando suas práticas, descartando ou ignorando o que não lhes servia.

Tanto o cientista, quanto o literato voltaram seu olhar e suas preocupações para os Jecas dos sertões brasileiros. Ambos, a partir de sua inserção social e de suas experiências com o homem do campo e com as classes mais pobres, foram construindo e reconstruindo sua percepção sobre o Brasil e os brasileiros. Elaboraram assim diagnósticos e prescreveram tratamentos.

O papel do Instituto Oswaldo Cruz foi decisivo na construção da perspectiva de ambos. Lobato foi influenciado pelo Brasil descoberto com as expedições aos sertões realizadas pela instituição. Vasconcellos, por sua vez, ali iniciou sua formação e deu seus primeiros passos como homem de ciência.

Outra similaridade foi o fato de ambos terem se colocado à frente de empreendimentos editoriais, embora em escala bastante diferente, e num país repleto de analfabetos. Lobato, à frente da importante *Revista do Brasil*; Vasconcellos, com a sua *Leite e Lactícínios*, de reduzida repercussão.

Acrescente-se ainda o viés neolamarckista, embora este, conforme salientou Stepan, se fizesse presente a uma significativa parcela da intelectualidade brasileira do período.

Se perante o racismo e o eugenismo Vasconcellos empunhou a bandeira da defesa da espécie através da alimentação e da alfabetização, Lobato, por sua vez, embora hierarquizando as raças, em certas ocasiões procurou reelaborar um discurso racista, em favor do saneamento.

Constatamos desta maneira diferentes possibilidades de apropriação das teorias eugenistas na origem de diversificados programas de ação. Nas sociedades norte-americana e alemã, conduzindo a programas de eliminação daqueles considerados inferiores e, por isso, condenados pelas elites eugenistas à extinção. No Brasil, revelando uma faceta muito particular, lamarckista, que, no caso de Vasconcellos, mesmo sendo ele um americanófilo declarado, levou-o a propinar

o leite como o elixir para a defesa da espécie.

REFERÊNCIAS

1. ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. **Boletim da Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro, v. 107, n. 2, 1936.
2. ARANTES, E. B. Negros do porto: O cotidiano dos trabalhadores do porto carioca na primeira década do século XX. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA. **Anais Eletrônicos do XXII Simpósio Nacional de História**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2003.
3. BEIGUELMAN, B. Genética e ética. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 61-69, jan. 1990.
4. BENCHIMOL, J. L. (Coord.). **Manguinhos do sonho à vida: A ciência na Belle Époque**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 1990.
5. BIZZO, N. M. V. Eugenia e racismo: quando a cidadania entra em cena? **Ciência Hoje**, São Paulo, v. 19, n. 109, p. 26-33, mai. 1995.
6. BLACK, E. **A guerra contra os fracos: A eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior**. São Paulo: A Girafa, 2003.
7. BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
8. _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
9. CASTRO SANTOS, L. A. de. O pensamento sanitarista na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 193-210, 1985.
10. CHAGAS FILHO, C. **Meu Pai**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1993.
11. CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
12. _____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.
13. CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1., 1925, Rio de Janeiro. **Annaes**. Rio de Janeiro: Cia. Nacional de artes Graphicas, 1926.
14. DE LUCA, T. R. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: UNESP, 1999.
15. FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**. 46. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
16. HERSCHMANN, M. M. A arte do operatório: medicina, naturalismo e positivismo (1900-1937). In: _____. PEREIRA, C. A. M. **A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 43-65.
17. _____. Entre a *insalubridade* e a *ignorância*. A construção do campo médico e do ideário moderno no Brasil. In: _____. KROPF, S.; NUNES, S. **Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro (1870-1937)**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996, p. 11-67.
18. LIMA, N. T. **Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro: Revan, 1999.
19. LOBATO, M. **Mr. Slang e o Brasil e Problema vital**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.
20. _____. **A onda verde e O presidente negro**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1948.
21. _____. **Urupês**. 31. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
22. MORAES, P. R. B. de. O Jeca e a cozinheira: raça e racismo em Monteiro Lobato. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 8, p. 99-112, 1997.
23. PEIXOTO, A. Educação e saneamento. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano 3, n. 33, v. 9, p. 119-120, set. 1918.
24. RODRIGUES DA SILVA, H. **Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas**. Campinas: Papirus, 2002.
25. SANTOS, R. A. dos. Lobato, os Jecas e a questão racial no pensamento social brasileiro. **Achegas Net – Revista de Ciência Política**, Rio de Janeiro, n. 7. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/sete/ricardo_santos.htm> Acesso em: 10 mar. 2004.
26. SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
27. STANCIK, M. A. **Aleixo Nóbrega de Vasconcellos: um “homem de ciência” e a educação higiênica no Brasil dos anos 1920**. Curitiba, 2002, 183 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná.
28. _____. Entre a defesa e a regeneração: alternativas e opções para o aprimoramento da raça na década de 1920. **Publicatio UEPG – Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes**, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 21-36, dez. 2003. Também disponível em: <http://www.uepg.br/prosp/publicatio/hum/2003_2/02.pdf>.
29. STEPAN, N. L. Eugenesia, genética y salud pública: el movimiento eugenésico brasileño y mundial. **Quiqup**, México-DF, v. 2, n. 3, p. 351-384, sep. Dic. 1985.
30. VASCONCELLOS, A. de. Carnes de animais tuberculosos. **Revista de Veterinária e Zootecnia**, Rio de Janeiro, tomo 7, n. 1-3, p. 339-349, nov. 1916.
31. _____. Como melhorar e aumentar a produção do leite e aperfeiçoar o fabrico de laticínios no Brasil. **Leite e Lactícínios**,

Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 18, ago. 1922.

32. _____. [Discurso do orador oficial da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro]. In: SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA. Sessão solenne em 23 de dezembro de 1913. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, ano 28, n. 3, p. 23-26, 15 jan. 1914.
33. _____. Leite: o melhor dos alimentos. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 15, p. 67-70, dez. 1924a.
34. _____. O “lunch” nas escolas primárias: seu valor educativo, social e higienico. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, ano 38, v. 2, n. 11, p. 163-166, 13 set. 1924b.